

rios para a dotação de um arquivo desta importância e a resposta do decano, apesar da sua concordância em princípio, era um tanto desanimadora. Depois, o Consulado belga em Francfort, o mais próximo de Friburgo, não gozava de qualquer imunidade diplomática nem tinha mala de correio. E os dias iam passando, e os manuscritos continuavam em Friburgo. A situação na Europa era mais tensa do que nunca. Naquele memorável mês de Setembro de 1938, a propaganda alemã desencadeava ataques furiosos contra a Checoslováquia; pouco depois, no intuito de evitar que rebentasse a guerra, os quatro grandes de então encontram-se em Munique, onde a França, a Itália e a Inglaterra dão o seu apoio à política de Hitler. O compromisso de Munique, de tão ingratas recordações na história recente dos países ocidentais, não impediu que Hitler continuasse com seus desmandos e a guerra viesse a estalar um ano mais tarde.

Era preciso, portanto, agir com rapidez. Cabe à irmã Aldegundis Jägerschmidt, monja beneditina do mosteiro de Lioba, perto de Friburgo, que tinha conhecido Husserl e o costumava visitar até à sua morte, o mérito de encontrar uma solução. Os manuscritos foram por ela transportados e escondidos numa pequena residência que as irmãs possuíam perto de Constança, cidade da fronteira alemã, cujos bairros extremos confinam já com a Suíça. Dali, pensavam os discípulos, já seria fácil levar os manuscritos para território neutro e livre. Porém, tal não sucedeu. Ninguém se encarregava de tão perigosa transferência. A fronteira era intensamente vigiada. E então, uma noite, P.^o Van Breda carrega com as malas, sobe com elas para o comboio de Berlim e, através de mil perigos (os comboios eram vigiados pela polícia), consegue chegar com eles à Embaixada da Bélgica. Dali, graças à compreensão do embaixador e do pessoal da Embaixada, os manuscritos, e mais tarde os livros de Husserl, são transportados para Bruxelas e depois para Lovaina.

A 27 de Outubro daquele mesmo ano, a Fundação Francqui, de Bruxelas, concede os fundos necessários para a criação do Arquivo Husserl, e logo em seguida os professores Fink e Landgrebe puderam mudar-se para Lovaina e dar início ao seu trabalho. A senhora Husserl conseguiu também ir para a Bélgica; tudo parecia estar resolvido de uma vez para sempre, quando rebentou a Segunda Guerra Mundial. A viúva do filósofo solicitara um visto para emigrar para os Estados Unidos, onde residia o filho. Os móveis da família, juntamente com a urna em que se guardavam as cinzas de Husserl, esperavam no porto de Antuérpia embarque para Nova Iorque. Entretanto, a 16 de Setembro de 1940, os Aliados bombardeiam Antuérpia e aqueles móveis ardem no gigantesco incêndio. Contudo, o incan-

sável P.^o Van Breda encontra a urna no meio das cinzas e escombros e, finda a guerra, entrega-a à família de Husserl. As cinzas do filósofo repousam agora ao lado dos restos mortais da esposa, no cemitério de Günterstal, perto de Friburgo. Cemitério católico, pois a senhora de Husserl, após o seu regresso à Europa, já de idade muito avançada, converte-se ao catolicismo.

Como pôde ela esconder-se durante os anos da ocupação, como puderam salvar-se os manuscritos e os livros de Husserl, num país ocupado pelos Alemães, como conseguiu a idosa senhora ir para a América do Norte e voltar depois a Friburgo, tudo isso constitui uma aventura, repetição de milhares de outras aventuras idênticas ocorridas num continente enlouquecido, que exigiria longo espaço para a contar. O essencial, o eidético, como diria Husserl, é o facto de o seu trabalho se ter salvo e poder ser continuado; e isto graças à intervenção do P.^o Van Breda, que eu consegui encontrar num hotel de Friburgo. É ele quem dirige ainda hoje o arquivo de Lovaina, é ele o guarda de um dos mais ricos tesouros da espiritualidade europeia contemporânea.

Mas voltemos à fenomenologia, uma vez que Husserl queria fazer dela uma «ciência rigorosa». Tal como Platão e Descartes, também Husserl quis começar de novo, isto é, tornar a pensar tudo, partindo de uma espécie de *tabula rasa*. É que, segundo ele, o material filosófico e científico, o próprio viver histórico do ser humano e a sua experiência em face do mundo exterior e em face de si mesmo, é material já velho, algo que nos separa da realidade e da verdade. (Nisto, Husserl faz lembrar os futuristas, os expressionistas, os dadaístas, seus contemporâneos.) Para se conseguir uma visão justa do mundo, para tomar consciência de que o mundo, isto é, o objectivo, existe tão-sòmente na medida em que nós próprios o tenhamos visto e pensado, quer dizer, em função do sujeito pensante, para se conseguir uma visão real ou eidética (essencial, de *eidos*), há que proceder ao que Husserl chama «redução fenomenológica» ou *epoché*. Tem de se meter entre parênteses tudo quanto sabemos, toda a experiência vivida, todo o material acumulado no contacto com a vida de todos os dias, a fim de obter a visão do perfil da coisa em si mesma e encontrar a intensidade originária do «mundo da vida», do *Lebenswelt*. Trata-se de um conjunto no qual domina, evidentemente, o sujeito conhecedor, dado que o mundo inteiro vive em mim. Eu sou a totalidade do mundo; mas, para ter esta certeza e para ver este mundo e entendê-lo, temos de proceder a uma limpeza total, a uma eliminação radical das categorias acumuladas na nossa inteligência ao longo dos séculos e que nos separaram do eidético ou essencial.